

O QUE AS CRIANÇAS PENSAM DA ESCOLA? PRESSUPOSTOS PARA (RE) PENSAR A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS A PARTIR DELAS MESMAS

Thamires Furtado das Chagas; Ângela Maria Rodrigues de Figueiredo.

Universidade do Estado do Amazonas/E-mail:fchagas.thamires@hotmail.com; E-mail:angelaf.uea@gmail.com

RESUMO

As crianças com suas especificidades estão inseridas na dinâmica social, mas, geralmente compreendidas apenas enquanto aluno sem considera-las como indivíduo que possui voz e vez no contexto ao qual pertence. O presente trabalho teve como objetivo conhecer o que as crianças pensam da escola e como elas as representam, a fim de pôr em evidência suas vozes e suas formas de compreender, representar e perceber o mundo, particularmente a escola, possibilitando assim uma reflexão mais aguçada na Universidade, sobretudo na comunidade, acerca da criança como “ser criança” e não somente como aluno. Utilizou-se os pressupostos da pesquisa do tipo etnográfica para desenvolver a investigação, com apoio de entrevistas com as crianças e representação gráfica por meio de desenhos, associado à observação direta participativa. Os dados foram registrados em diário de campo e gravações de vídeos, os quais foram interpretados com base na fenomenologia, que prioriza a perspectiva da criança, e o princípio de autoria/autorização dos sujeitos envolvidos. O local de pesquisa foi o Bairro da União na cidade de Parintins. O estudo aponta que embora as crianças compreendam a escola como espaço importante para o seu desenvolvimento, geralmente, a escola não considera as singularidades das crianças no processo de construção do conhecimento. Há, portanto uma necessidade urgente de deslocar as crianças para o centro de uma discussão mais ampla, compreendendo-as como sujeito de voz e vez, que historicamente tem sido pouco considerada nos discursos proferidos na sociedade.

Palavras – Chave: Criança, Aluno (a), Escola.

INTRODUÇÃO

A compreensão das crianças como atores sociais gerou-nos inquietude com relação às suas percepções sobre o espaço escolar, local onde elas passam um período relativamente longo de sua vida e que concentra um grande número de crianças, atuando na concretização de um projeto pensado para ela, ou seja, a educação formal.

Diante dessas questões nosso objetivo foi compreender o que as crianças pensam da escola e como elas as representam. Neste sentido buscamos conhecer as manifestações que elas apresentam em seu cotidiano nos espaços lúdicos em que brincam (ruas). Assim estaremos deslocando as crianças, geralmente vistas como aluno no âmbito da pedagogia, para o centro de uma discussão mais ampla, adotando uma postura investigativa que permite entrecruzarmos a manifestação das experiências das crianças, algo que é possível com a pesquisa do tipo etnográfica como forma de aproximação dos sujeitos e a perspectiva fenomenológica como forma de descrever e compreender o fenômeno.

(83) 3322.3222

contato@fipedbrasil.com.br

O bairro em que a pesquisa se deu foi o Bairro da União, onde nos propusemos a observar as relações que as crianças estabelecem nesse local. Como nosso foco não era, em princípio, o contexto escolar, focalizamos nossas ações em compreender as percepções de 03 (três) grupos de crianças do bairro, sendo que as idades das crianças eram diversificadas, pois os grupos já estavam formados por eles ao adentrarmos no contexto da pesquisa, a partir do *lócus* em que ela assume sua identidade de modo mais espontâneo.

Como nosso foco era a voz das crianças, utilizamos técnicas de entrevistas com as crianças, a observação de suas vivências e a descrição densa de suas ações, falas, gestos e reações, a fim de, compreender seu modo de dar sentido à escola, ou seja, como elabora uma consciência de si mesma e do mundo que é pensado para ela.

Nesse aspecto compreendemos que a pesquisa foi de suma importância para o reconhecimento da criança como sujeito ativo na construção do conhecimento sobre o mundo que a circunda, e suas visões sobre este pode consolidar caminhos que ultrapassem o paradigma da criança como mera receptora de influências sociais e que vive esta “etapa” da vida de forma homogênea em todo tempo-lugar.

Os resultados deste estudo apontam que a criança representa o espaço escolar considerando a cultura infantil e experiências vivenciadas por elas, almejando que suas manifestações sejam consideradas no processo de construção do conhecimento, reconhecendo o distanciamento atual existente entre o saber vivido e o saber sistematizado pela escola, elas gostariam que suas práticas fossem valorizadas no âmbito educacional, tornando-se os principais protagonistas da construção do conhecimento.

Portanto, as condições culturais da e para a infância devem ser consideradas pela escola quanto formadora social, tornando de fato sua função compromissada com a construção plena do indivíduo, valorizando primeiramente o ser criança que existe no estudante, criança essa que é produtora de cultura, que influencia e é influenciado, devendo a escola considerar as especificidades infantis no processo educacional sistematizado, de modo a ampliar a compreensão de ser criança com particularidades que necessitam ser compreendidas pela sociedade e particularmente pela escola, onde ela possa está incluída realmente no processo de construção do conhecimento de modo geral.

METODOLOGIA

Nossas proposições iniciais visam compreender a criança como sujeito ativo que pensa e participa do contexto a que pertence, sem esquecer as relações que estabelece com outras pessoas, sejam adultos ou outras crianças, a fim de compreender seus modos de representar o mundo e de vivenciá-lo. Para essa busca, optamos por compreendê-la, não apenas a partir de si mesma, mas do espaço em que ela desenvolve suas ações mais características que são as situações de brincadeira.

A fim de alcançar os resultados almejados o estudo foi efetivado com 03 (três) grupos de crianças do bairro da União, um bairro da periferia da cidade de Parintins. Esses grupos eram compostos em média de 05 (cinco) a 08 (oito) componentes, que se agrupavam de acordo com a proximidade de suas residências, ou seja, o local onde moram demarca territorialmente a formação grupal e intergrupala. A escolha dos grupos investigados teve como critério a faixa-etária das crianças, pois ao aproximamo-nos dos grupos buscávamos crianças que tivessem acima de 05 (cinco) anos de idade, pois compreendíamos que a partir desta idade já estariam frequentando a escola e assim poderiam contribuir melhor devido buscarmos suas percepções deste contexto, mas é importante destacar que os grupos eram compostos por crianças de diferentes idades.

Vale ressaltar, que as crianças selecionadas estudam em diferentes escolas, localizadas em diferentes pontos da cidade, sendo que em média 03 (três) pertencem à rede municipal de ensino e 05 (cinco) à rede estadual. Nossa opção por crianças de um mesmo local, mas de diferentes escolas se deu no sentido de pretendemos evidenciar diferentes contextos e concepções que as crianças poderiam oferecer para este estudo, oportunizando ampliar o olhar sobre as diversas formas de pensar a instituição de ensino no município a partir delas mesmas, das próprias crianças.

O Estágio Supervisionado II e III, ocasião em que a pesquisa já se encontrava em curso nos proporcionou um olhar sobre as práticas vivenciadas pelas crianças no âmbito institucional, favorecendo a compreensão/interpretação das representações das crianças acerca da escola. A aproximação com as crianças se deu em um período prolongado de aproximadamente 02 (dois) anos, ocasião em que as nossas primeiras experiências com pesquisa na universidade foram colocadas em prática por meio do Programa de Iniciação Científica/PAIC.

O olhar etnográfico direcionou a pesquisa, mas como realizamos um estudo buscando a representação das crianças sobre a escola desenvolvemos a pesquisa atendendo os postulados de André (2012, p.24) a qual enfatiza que quando utilizamos os instrumentos da etnográfica em estudos em educação fazemos “uma adaptação da etnografia à educação, o que me leva a concluir que fazemos estudos do tipo etnográfico e não etnografia no seu sentido estrito” podendo esse

estudo ser considerado do tipo etnográfico, procuramos assim conhecer o que as crianças pensam da escola.

De acordo com a necessidade de evidenciar a criança como sujeito integrante da sociedade destacando suas relações e construções individuais e coletivas, a pesquisa qualitativa e seus fundamentos estruturaram nossas análises e interpretações acerca dos indivíduos e de suas concepções. É nesse sentido que a pesquisa qualitativa implica compreender o conhecimento como produção e não como apropriação linear de uma realidade que se nos apresenta, podendo essa realidade ser interpretada de diferentes formas. (REY, 2010)

Nesse processo o olhar fenomenológico nos possibilitou realizar uma análise valorizando principalmente as falas, os gestos, os risos e posteriormente o desenho, ou seja, aquilo que está aparente e aquilo que é indizível, não como um olhar que pretenda encarcerar o mundo, mas a partir do percebido (MERLEAU-POINTY, 1990). Essa relação só pode ser compreendida na interdependência, do ir-e-vir, que se articula uma relação indissociável de “estranhamento” e “familiaridade” entre o pesquisador e os fenômenos a serem investigados (CAMPOS, 2002).

Em decorrência disso nos apropriamos de uma variedade de técnicas e instrumentos de pesquisa, entre elas a observação direta intensiva com registros detalhados em caderno de campo, o qual o suporte para nossas análises, gravações em áudio e vídeo. Embora tenha sido um trabalhoso exercício participar do contexto, nossa interação com as crianças foi de fundamental importância para que tivéssemos condições de refletir sobre suas percepções e sobre o seu cotidiano.

Em determinado momento da pesquisa quando já dispúnhamos de certa confiança e familiaridade com as crianças, fomos dirigindo a técnica de desenhos (gráficos) para nosso alvo principal que era o que a escola representa e como elas a representam, afim de que, elas registrassem suas percepções, uma vez que nem sempre a fala dá conta de expressar.

O desenho foi uma escolha apoiada na ideia de que “é um instrumento que pode ser utilizado quando queremos conhecer mais e melhor a infância das crianças [...]” (GOBBI, 2005, p. 70). Isto nos permitiu aplicar às crianças de várias idades e ajustar àquilo que falaram na entrevista com aquilo que representaram graficamente. E ao descrevermos o momento do desenho, usaremos a identificação (C) para criança e (P) para pesquisadora com o intuito de identificar as falas.

Nos mesmos moldes realizamos a entrevista semiestruturada aplicadas às crianças envolvidas na pesquisa a partir das ilustrações elaboradas por ela, foram utilizadas como meio para se alcançar as informações essenciais para análise e percepção do sujeito/objeto.

Vale ressaltar que os instrumentos como a máquina digital e caderno de campo para os registros de informações foram importantes para consolidar o estudo, afinal as entrevistas e os desenhos por si não seriam suficientes para captar tudo, a imagem registrada foi ainda fonte de interpretação daquilo que não fora dito ou daquilo que a fala por si não daria conta de revelar.

Os resultados que ora serão apresentados resultam de uma organização que foi pensada de acordo com os nossos objetivos e que deram suporte para a construção de uma análise interpretativa das percepções das crianças. Assim, os procedimentos que adotamos conduziu a pesquisa para o reconhecimento das concepções formuladas pelas crianças a respeito do que ela pensa da escola enquanto local de ensino, mas também de encontro, de realizações pessoais, de desenvolvimento cognitivo, mas também social e afetivo.

ANALISE DOS RESULTADOS

Com intuito de compreender as crianças como sujeito que faz parte de um todo social, fez-se necessário conhecermos as relações estabelecidas por elas no seu cotidiano. Como o que procurávamos era compreender a forma como elas pensam a escola, buscamos fazê-lo a partir de seus contextos.

Seja em ambientes públicos do bairro ou na orlado mesmo, , bem como terrenos baldios ou alagadiços, cotidianamente, elas transformam o bairro em território apropriado a partir de desejos e contingências que a sociedade estabelece. As crianças vivenciam contradições e agregam para si comportamentos coletivos.

Ao propormos a elaboração de desenhos às crianças, em que representariam as escolas onde estudam, procurávamos realizar o exercício da escuta, vendo e ouvindo como elas pensam esse lugar que atualmente caracteriza-se como uma das instituições responsáveis pela formação do sujeito. Lugar esse que ocupa grande parte do tempo da vida da criança, ditando muitas vezes formas de comportamento e vivências.

Dessa forma, aquelas crianças que brincavam de bola, manja-pegas, amarelinha, faz-de-conta e dentre outras brincadeiras, fazendo das ruas, dos espaços em frente suas casas, dos quintais, espaço para interagirem e manifestarem suas atitudes, aos poucos vão se constituindo com sujeitos, atingindo de alguma forma seu desenvolvimento pleno como pessoa não somente dentro da escola como também fora dela. Segundo Mubarrac Sobrinho (2011, p. 4):

As crianças têm um modo ativo de ser e habitar o mundo, elas atuam na criação de relações sociais, nos processos de aprendizagem e de produção de conhecimento desde muito pequenas, inseridas diretamente na vida da comunidade.

Assim compreendemos que naquele espaço de convivência as crianças formulam seus pensamentos, empregam conhecimentos de leitura, escrita, cálculos, espacialidades, temporalidades, observam e interagem com tudo que está a sua volta, elas não estão alheias aos conhecimentos sistematizados pela escola, só que os experimentam de uma forma diferenciada.

Então nos deparamos com crianças brincando um triciclo, o qual serve como meio de transporte para a família e ao mesmo tempo como instrumento de trabalho do pai nos serviços de carro. Nas horas vagas o mesmo triciclo virava uma sala de aula, nas brincadeiras as utilidades das coisas são modificadas, refuncionalizadas, ressignificadas.

No brincar expressavam suas percepções da escola, como no momento em que ao nos aproximarmos mais da brincadeira a menina que era a professora, talvez como estratégia para interromper a brincadeira por causa de minha chegada diz: *“Bom acabou o meu tempo, agora é o tempo da outra professora!”* (Grupo 1), olhando de canto de olho para mim e, simultaneamente todas riram com expressão intimidada.

Indagamos se elas estavam brincando de “dar aula” e todas confirmam com cabeça que sim, destacando o papel da menina que era a professora *“ela era a professora”* (Grupo 1), vi então a confirmação de nosso trabalho, aquele grupo interpretando por meio do ato de brincar, especificamente do faz-de-conta, as vivências da sala de aula.

As crianças trazem para a sua realidade comportamentos do âmbito educacional institucionalizado realizando uma interpretação, distinguindo assim o que gostam e o que não gostam e estabelecem os critérios para pensarem as relações que são estabelecidas dentro da sala de aula, consolidando o seu posicionamento quanto esse espaço que ocupa.

Então fomos para a casa de uma das garotas integrante do grupo, sendo que o local foi sugerido e disposto pelas próprias crianças e consentimento dos pais para utilizarmos espaço de suas residências.

Foi notório a cautela com que todos buscavam representar a sua escola, tentando representar da forma mais fidedigna possível, diziam a todo instante *“não sei muito bem desenhar, mas é mais ou menos assim”* (Grupo 1), e olhavam para seu desenho tentando expor as formas da escola de maneira singular em um pedaço de papel, que para eles estava naquele momento recheado de lembranças de suas experiências escolar.

As representações que as crianças fizeram da escola em maioria referiam-se basicamente à sua estrutura, sendo que quando foram explicar os respectivos desenhos expuseram o que pensam da escola que estudam.

Praticamente todas as crianças dos grupos disseram que a escola é um lugar em que estudam e aprendem, depositando assim muitas expectativas no papel desempenhado pela escola, mas, embora compreendam esse espaço como importante esse não é considerado como agradável e acolhedor, perceptível quando uma menina integrante do grupo 1, ao terminar de explicar seu desenho ao retirar-se enfatiza: *“queria que tivesse aula só dia de sábado e domingo, e que nos dias da semana não tivesse. A gente não faz nada diferente lá, sempre estuda da mesma forma, sempre a mesma coisa, copia, lê, responde exercício, faz trabalho”*. (Grupo 1)

Suas palavras soaram como um desabafo em paralelo a sua atitude de fuga imediata, com quem diz, sem perguntas, é assim que me sinto, e após esse episódio a seriedade que se instaurou durante a produção dos desenhos, pois estavam concentrados a fazer as ilustrações, deu logo lugar aos risos e ao balançar das cabeças em sinal de concordância das demais crianças em concordância com aquilo que a menina havia falado. Ao perceberem que um silêncio pairou sobre a pesquisadora, sob o olhar petrificado na garota, observando a forma como se retiravam, falaram em alto tom, *“é verdade”*, *“é assim mesmo”* (Grupo 1), e depois ao sucedido ficamos a imaginar o que queriam dizer com aquilo.

A infância exprime a sobreposição de vários espaços-tempos sedimentados (ALMEIDA, 2000). Deste mesmo modo, poderemos considerar que a influência social está diretamente associada às relações que a criança estabelece com o mundo, ela pensa o mundo a partir de determinado modelo social, mas suas percepções e análises escapam a ele, como se aquilo que para nós adultos é inconcebível, impensável, para elas a rigidez do tempo não parece ser uma lógica perfeita.

Percebemos que as crianças querem estudar, mas gostariam de ter a sua cultura respeitada no âmbito educacional, pois sentem a necessidade de interagirem entre si, e compreendem a escola também como esse espaço, em que poderiam aprender brincando, em vez de somente realizar tarefas mecânicas de copiar e ler. Elas ao falarem de como gostariam que fosse a sua escola deixam fluir a imaginação como *“ser criança”* que ela é, e isso nos leva a refletir como e quando a voz infantil será respeita nesse espaço como sendo a sujeito de interações e que possui posicionamento, ou seja, tem querer, necessidades próprias.

Para descrever o momento do desenho, usaremos a identificação (C) para criança e (P) para pesquisadora.



Figura 15 - Minha Escola como ela é
Fonte: Pesquisa de Campo (2015)

C: Eu não consegui desenhar bem como é minha escola (risos), mais aqui é minha sala, aqui é o barracão, aqui é o boi da escola, aqui é o jardim que tem umas flores no lado da escola, aqui tem um lugar onde a gente brinca quando a gente sai.

P: É como é a tua sala de aula?

C: Tem mesa, cadeira e aluno estudando tabuada.

P: E você gosta de estudar tabuada?

C: Eu gosto, a gente faz várias continhas e a gente brinca de quem termina primeiro.

P: A gente quem?

C: Eu e minhas colegas.

P: Mas é a professora que propõem isso? Todos da turma fazem isso?

C: Não. Só eu e minhas duas colegas. É pra ficar divertido, mas a professora pede pra cada um fazer o seu.

P: Você gosta da sua escola?

C: Eu gosto. Ela é bonita.



Figura 16 - Como eu gostaria que fosse minha escola
Fonte: Pesquisa de Campo (2015)

P: E o que você gostaria ter na tua escola? **R:** Eu queria que tivesse um parquinho com pular-pular, escorregador e as salas do ensino médio para eu ficar sempre estudando com minhas colegas.

P: E por que tu querias que tivesse parquinho?

C: Ah pra gente brincar, se divertir né?

P: Mas a tua escola não tem essa área livre, onde vocês podem brincar?

C: Tem, mas não tem nada e a gente não sai pra ir brincar lá, só às vezes na hora da saída, mas logo o pessoal manda a gente parar e ir pra casa.

P: Que pessoal?

C: Da escola.

P: E a tua sala de aula como tu gostarias que fosse?

C: Que tivesse brinquedo pra nós, pros meninos, e que a gente estudasse, brincasse e aprendesse.

No relato acima se observa que as crianças mesmo quando estão diante de uma situação controlada pela postura do professor elas buscam estratégias para empregarem suas particularidades, interagir tanto como a construção do conhecimento como também na interação com seus colegas, tentando estabelecer formas para significar os atos para sentir-se motivados.

Na escola os espaços parecem controlados por uma formalidade compreensível, afinal ela sistematiza, organiza logicamente os conteúdos de ensino. Porém, chama a atenção à forma como a criança coloca em uma mesma frase algo que pouco é concebível pela escola: “[...] e que a gente estudasse, brincasse e aprendesse”. Uma coisa não deve se dar necessariamente em detrimento da outra.

Almejam que as aulas sejam dinamizadas pelos jogos, tendo a interação, com movimento assim como é a realidade, ocorrendo sempre no engrenar dos acontecimentos, sendo concretizada

em diferentes padrões de interações, pois se a criança está na escola com o intuito de aprender, quem garante que isso não possa se dar por outro viés que não o da teorização dos conteúdos. Vimos no olhar focado das crianças quando falavam como se estivessem vendo acontecer em sua frente, falavam com tanta convicção à respeito de algo que lhe diz respeito, mas que ninguém pergunta. Elas não retiram da escola esse caráter de instituição diferenciada de outras, consideram que o papel da escola é ensinar, só que querem estudar a tabuada com jogos, complementaram ainda que gostariam que a escola fosse *“bem organizada, tivesse todos os matérias para a gente estudar, que a professora explicasse bem o assunto e todos aprendesse”* (Grupo 2).

No contexto no qual as crianças estão inseridas, as contas acontecem no concreto, quando vão à taberna para comprar algo a mando dos familiares e veem as operações ocorrerem no real, quando nas brincadeiras em que se ganha e que se perde elas também experimentam a realidade, ignorar que as crianças da sala de aula são crianças de vivências é compreender que as crianças vivem no mundo da irreabilidade. Sarmiento (2004, p. 3) afirma que *“as crianças, todas as crianças, transportam o peso da sociedade que os adultos lhes legam, mas fazendo-o com a leveza da renovação e o sentido de que tudo é de novo possível”*, é nesse experimentar e recriar que buscam formular suas concepções.

Eu queria uma escola bem organizada, tipo sem bagunça, que fosse legal. Que a gente pudesse bagunçar, mas não fosse tanto. Ah! que a gente pudesse conversar e os outros não bagunçasse com a gente, tipo, se eles não bagunçassem com a gente, a gente não ia mexer com eles né? Ah! que os professores não “seje” brabo né? Que eles fosse legal, divertidos, mas não tão sendo amigos de todos os alunos ou de uns né?! Porque quando eles são, os alunos começam a bagunçar. Que eles ensinasse bem. Sei lá, não sei bem... é que às vezes a gente não aprende direito né? (Grupo 3)

Quando elucidadas as relações estabelecidas no contexto escolar as suas percepções não se limitam a estrutura física, refletem os acontecimentos que envolvem todos os sujeitos que no processo educacional estão inseridos, notamos a preocupação que as crianças têm com as próprias atitudes, entendendo que podem interferir diretamente em sua aprendizagem. A criança, portanto não ignora os demais sujeitos e demonstram-se reflexivos quanto à postura de cada membro que compõem esse espaço.

Diante do exposto, as crianças são consideradas iguais e as escolas, instituições transmissoras das ideologias pré-estabelecidas pelo mundo globalizado, desvalorizam, muitas vezes, as brincadeiras como expressões significativas para o desenvolvimento global da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola pública enquanto instituição encarregada pela educação formal das crianças é um espaço por excelência de disseminação de valores, condutas, normas, enfim é talvez o mais importante veículo de ideologias, ditando os rumos da sociedade, afetando e sendo afetada pelos fenômenos que nela ocorrem.

Do ponto de vista das crianças é preciso que a escola valorize também as manifestações minoritárias, minoria não no sentido de valor e sim no sentido de força dominante, como é o caso das crianças, as quais como sujeitos em maioria pertencente a escola e sendo o público alvo das ações desenvolvidas na escola, deveriam ter suas culturas engendradas no contexto escolar.

Nesse sentido, ousamos afirmar que as instituições de ensino idealizam uma criança abstrata, que muitas vezes não corresponde aos padrões estabelecidos, prevalece então uma concepção de educação que desconsidera as particularidades infantis, tornando o espaço escolar muitas vezes um depósito de crianças para o repasse de conteúdos desvinculados da realidade, os quais não fazem sentido para a criança, ficando conteúdo pelo conteúdo, pois as crianças nos dizem que não conseguem entender o que o professor está ensinando, ou seja, as horas dentro da sala de aula podem não está atingindo o resultado de possibilitar estratégias para a criança se desenvolver integralmente.

As crianças desejam que a escola seja pensada como um ambiente favorável para o seu desenvolvimento em quanto criança/sujeito que ela é, querem que as aulas sejam atrativas e de fácil compreensão para elas, podendo se alto-compreender no processo de construção do conhecimento, que suas práticas sejam valorizadas pela escola, ou seja, querem também ser as protagonistas do fazer, do estudar, do aprender.

Um dado importante que a pesquisa aponta é que a escola de fato precisa compreender a criança como criança, não apenas como aluno (a) e que a compreensão das especificidades infantis sejam alargadas para/nas instituições formais, oportunizando a todas as crianças condições para que possam constituir-se como sujeito social e viver a infância dentro e fora da escola.

Essas são questões que precisamos repensar sobre nossas crianças, de forma a ouvi-las e respeitar sua especificidade, como sujeitos de direito e principalmente como sujeitos de necessidades particulares.

Enfim, sabemos que a completude desse tema não se esgota nesse estudo, mas espera-se que ele possa contribuir para uma reflexão mais ampliada sobre o que a criança pensa da escola, apontando para a necessidade de serem ouvidas para que esse espaço seja pensando também por

elas e não somente para elas, a fim de compreendê-las como sujeitos de direitos, capazes de produzir cultura, de construir conhecimentos. As crianças carecem de ter suas singularidades valorizadas para essa finalidade, onde elas possam usufruir de sua infância com melhor qualidade por meio de interações diversificadas que contemplem a sua formação pessoal e social.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana Nunes. Olhares sobre a infância: pistas para a mudança. In: **Vários, Mundos Sociais e Culturais da Infância**. Braga, Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 2000.
- ANDRÉ, Marli Eliza Damazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 18 ed. – Campinas, SP, Papirus, 2012.
- CAMPOS, Marcio D’Olne. **Etnociência ou etnografia de saberes, Técnicas e Práticas?** Centro de Ciências do Homem e Núcleo de estudos e pesquisas, Rio de Janeiro, 2002.
- GOBBI, Márcia. Desenho Infantil e Oralidade. In: FARIA, Gularte Ana Lúcia; DERMATINI, Zelia de Brito Fabri; PRADO, Patricia Dias (Org). **Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com criança**. Campinas: Autores Associados, . p. 69-92, 2005.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas**. Campinas: Papirus, 1990.
- REY, Fernando González. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação** / Fernando González Rey; [tradução Marcel Aristides Ferrada Silva] – São Paulo: Cengage Learnig, 2010.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. As Culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª Modernidade. In M-J. Sarmento, e A. B. Cerisara, (Coord.). **Crianças e Miúdos: Perspectivas sociopedagógicas sobre infância e educação**. Porto, 2004.

